

POR DE TRÁS DOS BASTIDORES

Uma comédia técnica sobre o que o público não vê.

TEXTO: ROBSON POETA

PERSONAGENS

- **ZÉLIA** – Técnica de iluminação. Sagaz, irônica, experiente.
- **CARLOS** – Técnico de som. Distraído, ama contar causos.
- **BIA** – Produtora de palco. Prática, estressada e multitarefa.
- **LUCAS** – Cenotécnico. Fortão, mas sensível. Fala pouco, mas certo.
- **RODOLFO** – Assistente geral. Novo na área, faz de tudo, confuso.
- **RICARDO** – Assistente de direção. Preciso, controlador, anda com mapa de palco e marcações. Coordena entradas, saídas e posições de tudo.
- **LÉO** – Técnico de painel de LED. Calmo, parece estar sempre em outra dimensão, mas resolve tudo.
- **NELSON** – Montador de linóleo. Prático, direto e com dor nas costas. Vive reclamando, mas entrega tudo.
- **ANTÔNIO (DIRETOR TÉCNICO)** – Funcionário fixo do teatro. Conhece cada parafuso, disjuntor, história e gambiarra. Sem ele, nada funciona.
- **ESTAGIÁRIOS DO PALCO (1 e 2)** – Jovens aprendizes que sempre vão buscar ferramentas e caem em pegadinhas.
- **VOZ EM OFF** – Narração técnica ocasional, usada para reflexões ou efeitos cômicos.

CENA 1 – MONTAGEM INICIAL DO PALCO (EXPANDIDA)

(Palco escuro. Barulhos de cases, vozes sussurradas, lanternas acesas. Aos poucos, os técnicos entram carregando equipamentos. Som de rodas de cases, risadas baixas, estalos de madeira e ferro.)

ZÉLIA: Alguém viu minha chave de 13?

CARLOS: Deve estar na caixa de iluminação.

ZÉLIA: Aquela é sua caixa de som, Carlos!

CARLOS: Ah... eu sabia que tinha trocado de lugar outro dia... ou talvez ontem... não, anteontem...

BIA (passando com prancheta, sem olhar pra ninguém): Se todo mundo etiquetasse suas ferramentas, isso não acontecia. Mas claro, quem liga pra etiqueta...

RODOLFO (carregando fita crepe nos braços, tropeçando): É pra marcar com a preta ou a amarela?

RICARDO (entrando com planta na mão, sério): Preta é marcação cênica, amarela é segurança. Segue o mapa.

RODOLFO: Mas qual das marcas é “não me pise ou morre”?

ZÉLIA: Nenhuma. Mas se pisar no meu cabo... você vai conhecer a eletricidade brasileira de perto.

ANTÔNIO (entra com ar calmo e autoridade natural, segurando uma chave inglesa): Sem o linóleo esticado ninguém pisa. Nelson?

NELSON (arrastando lona, reclamando): Já tô aqui. Mas essa rampa tá torta desde a peça passada. Avisei.

LÉO (olhando um painel desligado): Cadê o adaptador do LED? O conversor sumiu!

CARLOS: Ah, sumiu... talvez tenha sido abduzido.

RICARDO: Tudo bem. Respira. Vamos por partes. Léo, centraliza o painel no fundo. Lucas, teu cenário tá obstruindo a rota de fuga. Preciso que puxe meio metro pra esquerda.

LUCAS: Meio metro é metade de um braço... Mas meu braço é maior que a média...

ZÉLIA: Então corta o praticável. A peça chama “Minimalismo em Cena”, não “Entulhos em Cena”.

CARLOS: Eu só queria saber se posso ligar o PA pra testar... Ou vai sair faísca igual ontem?

ANTÔNIO: Se sair faísca, a culpa é sua. Ou do cabo emprestado da última montagem. Aquele de 1998.

CARLOS: Ah, o velho guerreiro... ainda respira?

ZÉLIA: Sobreviveu mais que muito ator em cena ruim...

(Alguns risos. Começa o burburinho da montagem. Estagiário tropeça no linóleo.)

ESTAGIÁRIO 1: Foi mal! Escorreguei na curva do palco.

NELSON: Isso aí é o vinco do linóleo. Pisa reto, menino!

ZÉLIA: E cuidado com a luz de serviço. O palco não perdoa distraídos.

CARLOS: Ainda bem que não foi no cabo do PA... senão virava efeito sonoro especial.

RODOLFO (olhando para o chão): Mas como é que vocês lembram de tudo aqui? É como se cada fio tivesse memória.

ANTÔNIO: É memória técnica. A gente chama de “alma do palco”.

BIA (gritando enquanto passa com a prancheta): Pessoas! Vamos organizar as caixas por tipo! Luz, som, cenário... E não misturem! Ou daqui a pouco vamos ter uma caixa com tudo: cabos, batom, clipes e talvez um ator perdido!

ZÉLIA: Inclusive, se alguém achar um ator perdido, me avisa. Temos um Romeo que se escondeu na caixa de luz na última montagem...

LUCAS (empurrando um praticável pesado): Ei, cuidado com meu cenário! Cada peça aqui tem mais história que novela das nove.

NELSON: História com dor nas costas, você quer dizer.

LÉO: Então, quem tem o adaptador do LED?

RODOLFO: Eu vi algo brilhando no depósito... mas parecia um alienígena.

ZÉLIA: Melhor alienígena que desligado.

CARLOS: Então posso testar o som ou não?

ANTÔNIO: Vai, mas se explodir, quero vídeo pra colocar no meu mural de tragédias técnicas.

ESTAGIÁRIO 2: Mas... como vocês lembram de tudo?

ZÉLIA: Anotamos, memorizamos e, principalmente, improvisamos. Se a peça depende de improviso, o técnico salva.

(Pausa, todos olhando o palco escuro. Risadinhas e passos cautelosos.)

BIA: Lembre-se: organização salva vidas... e reputações.

ZÉLIA: Reputações? Nós temos fama de mágicos invisíveis, lembra?

RODOLFO: E se alguém tropeçar no linóleo?

NELSON: A gente reza. E levanta rápido.

RICARDO (olhando a planta): Ok, posição do painel corrigida... cenário em posição... luz de serviço ligada... só falta o café.

CARLOS: Café é parte do equipamento técnico.

(Luzes piscam levemente. Som de cabos sendo conectados. Riso geral.)

CENA 2 – PERRENGUES TÉCNICOS E PIADAS INTERNAS (EXPANDIDA)

(O palco está parcialmente iluminado, barulho de ferramentas, risadas, zumbidos de LED. Todos estão ocupados com suas tarefas. Zélia ajusta refletores, Carlos confere cabos, Lucas arrasta cenário, Nelson estica linóleo.)

CARLOS: Teve uma vez que o gelo seco entrou no camarim... congelou a atriz. Ela saiu parecendo que tinha acabado de sair da Antártida!

ZÉLIA: Pior foi aquele refletor que caiu bem no meio do “Romeu e Julieta”. O público pensou que era efeito especial, mas o pobre Romeo quase virou vitamina de ator.

LUCAS: E o microfone que captava rádio da polícia? O público achou que fazia parte do espetáculo!

BIA: Eu já passei por tudo. Uma atriz chorando porque o camarim tinha cheiro de solvente... e a culpa era da cenografia.

RICARDO (com ar dramático): A verdadeira arte nasce do improviso técnico. Cada erro se transforma em oportunidade.

RODOLFO: Mas isso é gambiarra!

ZÉLIA: Não! É criatividade funcional!

ANTÔNIO: Gambiarra, quando dá certo, chama-se “solução técnica”.

CARLOS: Já usei garrafa PET para direcionar som. Funcionou melhor que equipamento de 3 mil reais.

ZÉLIA: Já usei papel alumínio de marmita como refletor. Ficou chique, elegante... ninguém percebeu.

LUCAS: Já preendi cenário com esparadrapo. E ficou de pé durante duas semanas de temporada.

ESTAGIÁRIO 2: A gente anota isso no caderno ou no coração?

BIA: Anotem tudo, garotos! Um dia vocês vão usar cada truque. E se não usar, pelo menos vai ser divertido contar.

CARLOS: Teve um dia que o microfone só funcionava quando alguém gritava “olá” três vezes. E o público aplaudia sem entender nada.

ZÉLIA: E eu uma vez fiz refletor com copo de plástico de festa infantil. Um glamour único.

NELSON: Eu já segurei cenário com a própria coluna. Não recomendo, dói mais que final de espetáculo.

RODOLFO: E se a gambiarra falhar?

ANTÔNIO: Falhar faz parte do show. A magia está em transformar caos em espetáculo.

CARLOS: Lembrei de outro caso: no palco de inverno, tentei aquecer o camarim com um secador de cabelo industrial. Virou sauna! Atriz saiu desmaiada... de calor, não de emoção.

ZÉLIA: E você ainda chama isso de improviso? Isso é quase crime ambiental!

BIA: Pessoal, foquem! O público não vê isso, mas nós sentimos na pele. Cada erro, cada acerto... é nossa responsabilidade.

LUCAS: E cada truque técnico é como poesia. Pequena, invisível, mas essencial.

RODOLFO: Estou começando a entender... é como magia... mas com mais cabos e menos varinha.

RICARDO: Exato. E cada marcação no chão, cada luz, cada pixel de LED... é parte de um ritual que o público nunca vai perceber... mas que faz o espetáculo respirar.

ESTAGIÁRIO 1: Então... a gente está tipo... guardiões invisíveis?

ZÉLIA: Exatamente. Vocês ainda são aprendizes, mas vão chegar lá. Cada erro, cada gafe, cada risada faz parte do aprendizado.

CARLOS: Falando em risada, lembram daquele dia que o refletor caiu, mas a atriz fez cena de susto tão perfeita que o público aplaudiu de pé?

BIA: Pois é... arte e desastre andam lado a lado.

NELSON: E nós sobrevivemos. Com dores nas costas, claro. Mas sobrevivemos.

(Luzes piscam levemente, todos olham para o palco. Silêncio respeitoso.)

VOZ EM OFF: No teatro, cada peça deixa sua marca. Cada montagem carrega a memória do que não se vê.

(Pausa. Todos continuam ajustando equipamentos, mas agora com mais cuidado e sorrisos nos rostos.)

CENA 3 – OS ESTAGIÁRIOS E A CAÇA AO TESOURO (EXPANDIDA)

(O palco está parcialmente iluminado. Os estagiários estão correndo de um lado para outro, procurando ferramentas e objetos “mágicos” que os técnicos pediram. Barulho de passos, caixas sendo abertas, risadas e tropeços.)

ESTAGIÁRIO 1: Zélia pediu a “chave mágica da luz”! Mas... será que isso existe mesmo?

ESTAGIÁRIO 2: Cai nessa não! É trote de técnico velho. Todo estagiário já caiu nessa.

RODOLFO (entrando com um conector gigante, olhando sério): E quem pediu o “adaptador universal de LED quântico”? Porque eu acho que ele veio de outra dimensão...

RICARDO (rindo, ajustando marcações): Cuidado! Amanhã vão te pedir o “nível de som estéreo analógico” ou a “régua de luz invisível”.

ANTÔNIO (com voz firme, mas divertida): E se mandarem buscar um balde de luz ou fita de 220v, vocês podem negar. Isso é pegadinha clássica.

BIA: Uma vez mandaram um estagiário buscar “fumaça reciclável” no depósito. Ele voltou com gelo seco usado... dentro de um saco plástico!

ZÉLIA: E outro trouxe “luz âmbar em potinho”! Sério!

CARLOS: Mas esse foi genial. Ele colocou uma lâmpada amarela dentro de um pote de maionese. Criatividade pura!

ESTAGIÁRIO 1: Então... a gente vai procurar mesmo?

ESTAGIÁRIO 2: Só cuidado pra não cair na armadilha da “chave fantasma”.

(Estagiários correm pelo palco, abrindo caixas, esbarrando em cabos, tropeçando nos praticáveis. Nelson reclama ao fundo.)

NELSON: Ei! Meninos! Cuidado com o linóleo! Vocês estão quase rasgando o vinco do século passado!

LUCAS: Cuidado com o meu cenário também! Cada peça aqui tem mais história que novela das oito!

RODOLFO: Olha, achei uma coisa brilhante! (Levanta um objeto confuso, parece uma antena velha.)

ZÉLIA: Não, Rodolfo! Isso não é o “adaptador quântico”, é só uma antena de rádio!

ESTAGIÁRIO 1: E se a chave mágica estiver dentro do palco?

CARLOS: Então você vai ter que escalar, mergulhar e talvez enfrentar o fantasma do técnico aposentado.

ESTAGIÁRIO 2: Fantasma do técnico?

ANTÔNIO: Ah... os fantasmas do teatro existem sim. Mas só aparecem pra quem não respeita a ordem do palco.

(Os estagiários continuam a busca, abrindo caixas aleatórias, tirando objetos estranhos: uma régua quebrada, fita adesiva, um microfone antigo.)

ESTAGIÁRIO 1: Achei! Uma chave! Mas é gigante... deve ser de caminhão!

ZÉLIA: Perfeito. Leve para a luz. Quem sabe ela funcione no LED... ou no ego do técnico de som.

CARLOS: E se falhar, a gente improvisa. Lembre-se: criatividade é a alma do backstage!

BIA: Olhem... cuidado com o cabo do PA! Um tropeço e vocês vão protagonizar a primeira queda do espetáculo!

RODOLFO: Achei outra coisa... um pote com giz... Será que é “luz invisível em pó”?

RICARDO: Só testando pra saber. (Rindo) Mas não façam bagunça!

(Estagiários tentam abrir caixas maiores, puxam cordas, derrubam um bastão. Todos os técnicos olham preocupados, mas com sorrisos contidos.)

LUCAS: Cuidado com o cenário! Cada bala perdida pode custar um dia inteiro de trabalho.

ZÉLIA: Vocês estão aprendendo rápido, mas ainda falta senso de sobrevivência no palco.

CARLOS: Falando em sobrevivência... uma vez mandei um estagiário buscar “fita isolante do tamanho do palco”. Ele voltou com... um rolo de fita normal.

ESTAGIÁRIO 2: E deu certo?

CARLOS: Na base da gambiarra, sempre dá certo.

(Estagiários continuam correndo, tropeçando e rindo, tentando entender qual objeto é real e qual é trote. Antônio observa do fundo, balançando a cabeça.)

ANTÔNIO: Bom, pelo menos estão aprendendo que cada pedido absurdo tem uma lição escondida.

BIA: E que cada erro pode ser transformado em risada... ou desastre técnico.

ZÉLIA: E isso, meus caros, é só o começo. Quem sobrevive à caça ao tesouro aprende a respeitar o backstage!

(Pausa, todos respiram fundo. Estagiários seguram objetos estranhos e sorriem orgulhosos.)

VOZ EM OFF: O teatro é um labirinto de ferramentas, truques e histórias. Cada caixa esconde um segredo, cada cabo uma lembrança... e cada estagiário, uma aventura.

CENA 4 – FANTASMAS DO TEATRO (EXPANDIDA)

(O palco está parcialmente iluminado, com uma penumbra misteriosa. Um LED pisca sozinho. Som de vento artificial e rangidos. Os técnicos e estagiários se movem com cuidado.)

CARLOS (olhando para o painel piscando): Ontem à noite, esse LED começou a piscar sozinho... e ninguém tinha encostado.

LUCAS (sério, encostando no cenário): Aqui tem história. Teve um cara que caiu da escada tentando arrumar a cortina...

ZÉLIA (sussurrando): Shhh! Não fala isso com o palco vazio... o teatro escuta.

NELSON (dramático): O nome dele era... (faz suspense) Maurício da contrarregra.

ESTAGIÁRIO 1 (assustado): E ele... morreu?

BIA (rindo): Morreu... de rir! Tava vivo o tempo todo. Era pegadinha dos técnicos antigos.

(Todos caem na risada. Luzes piscam mais rápido, criando tensão. Barulho de cabo se arrastando no palco.)

RODOLFO (olhando ao redor): Vocês estão dizendo que fantasmas técnicos existem mesmo?

ZÉLIA: Claro que existem. Mas só aparecem pra quem não respeita o palco.

CARLOS: Teve uma vez que o ventilador começou a girar sozinho, e o público achou que era efeito de vento dramático... só que eu estava mexendo no sistema de som escondido.

LUCAS: E aquele microfone que começou a captar rádio da polícia? Todo mundo achou que era efeito sonoro da peça... mas eu juro que não fiz nada!

BIA: Já ouvi barulho de passos quando o palco estava vazio. E depois descobrimos que era só o rato do depósito... ou era?

NELSON: Fantasmas, ratos ou não... eles têm senso de humor. E dor nas costas.

ESTAGIÁRIO 2 (tremendo): E se um fantasma decidir pregar peça na gente agora?

ZÉLIA: Não se preocupe... vocês ainda têm muito chão. Mas cada som estranho, cada luz piscando, cada sombra... é aprendizado.

RICARDO: Exato. Cada peça deixa sua marca. Cada montagem carrega memória do que aconteceu antes, do que está por vir e do que nunca será visto.

RODOLFO: Então... se a luz piscar agora, é fantasma ou gambiarra?

ANTÔNIO (olhando calmo para os LEDs): Gambiarra quando dá certo, chama-se “solução técnica”. Fantasma quando dá errado... e ninguém sabe explicar.

CARLOS: Lembro do dia que o refletor caiu sozinho no meio de uma cena. O ator fez uma expressão tão perfeita que o público aplaudiu de pé.

ZÉLIA: E nós sobrevivemos!

ESTAGIÁRIO 1: Mas... e se realmente aparecer um fantasma de verdade?

ZÉLIA: A única regra é: respeito. Nunca subestime o palco. Nunca subestime a história guardada nele.

BIA: E lembrem-se: humor e improviso salvam vidas... ou pelo menos o espetáculo.

LUCAS: Fantasmas ou não, cada sombra aqui é uma lembrança. Cada LED piscando é memória.

RODOLFO: Então... estamos cercados de histórias invisíveis o tempo todo.

NELSON: E a gente vai rir delas, ajustar elas e transformar em espetáculo.

(Todos caminham lentamente pelo palco, olhando cada canto. Um som súbito de metal faz todos pular.)

CARLOS: Foi só o cabo do LED caindo... ou um fantasma brincando com a gente.

ZÉLIA: Fantasma ou não, isso é teatro. E teatro é vida... com pitadas de perigo e muito improviso.

VOZ EM OFF: No teatro, cada sombra guarda uma história, cada barulho esconde uma lembrança... e cada risada é sobrevivência.

(Pausa. Todos respiram fundo, olhando o palco escuro com respeito e curiosidade.)

CENA 5 – MOMENTO MUSICAL: “A GAMBIRRAP” (EXPANDIDA)

(O palco está iluminado parcialmente. Todos os técnicos estão com ferramentas nas mãos: bastões, cases, cabos, pranchetas. Estagiários entram com capacetes decorados. O clima é de festa e improviso. Sons de batidas são feitos com caixas, bastões e equipamentos.)

ZÉLIA: Pessoal, hora de transformar nosso improviso em música!

CARLOS: Gambiarra musical? Nunca pensei que fosse ver isso.

LUCAS: Se o palco tremer, não é falha... é ritmo!

BIA: Vamos mostrar ao público que o backstage também sabe dar show!

RODOLFO: Mas como a gente começa?

LÉO: Começa com batida de case! (Bate em um case grande com baquetas improvisadas.)

NELSON: E eu marco o ritmo com linóleo esticado! (Dá batidas no vinco.)

ANTÔNIO: Isso aqui é mais que improviso... é coreografia técnica!

ESTAGIÁRIO 1: Eu posso usar o capacete?

ESTAGIÁRIO 2: E eu posso fazer batida com cabo de energia?

ZÉLIA: Exatamente! Tudo que não é tradicional vira instrumento!

(Todos começam a criar ritmo. Batidas alternadas em cases, cabos, bastões. Alguns fazem “solo de luz”, batendo lanternas levemente no ritmo.)

TODOS (cantam):

🎵 Gambiarra é minha arte,
Improviso é meu poder!
Se a luz não liga, eu ligo,
Com fita crepe pra valer! 🎵

ZÉLIA: Já fiz refletor com copo de festa!

CARLOS: Já usei cabo de vassoura como haste!

BIA: Já fiz marcação com batom!

LUCAS: Já coleí o cenário com arroz e cola!

TODOS (refrão):

🎵 Gambiarra é minha arte,
Improviso é meu poder!
Se o palco treme, é charme,
Se a cortina cai, é pra valer! 🎵

RODOLFO: E se a lâmpada queimar agora?

ZÉLIA: Improvisa! Pega a garrafa PET, o papel alumínio... e vira espetáculo!

CARLOS: Lembro da vez que usamos gelo seco no camarim e quase congelamos a atriz... Mas virou efeito especial de gelo!

BIA: E o que dizer do ventilador que virou tempestade?

LUCAS: Eu só segurei o cenário com a minha força. E não caiu!

NELSON: Sobrevivemos a todos os imprevistos, e agora dançamos com eles!

(Estagiários entram no ritmo, girando capacetes, batendo em caixas, rindo e tropeçando um pouco, mas seguindo a batida. Léo adiciona efeitos de LED piscando no ritmo da música.)

ZÉLIA: Cada gesto, cada batida, cada golpe de improviso... é nossa assinatura invisível no palco.

CARLOS: Cada som estranho, cada luz piscando, cada peça fora do lugar... tudo vira arte!

TODOS (refrão final):

🎵 Gambiarra é minha arte,
Improviso é meu poder!
Se o palco treme, é charme,
Se a cortina cai, é pra valer! 🎵

(Todos dançam, batem e improvisam ritmos com ferramentas, cabos e peças de cenário. A música cresce em intensidade. Estagiários fazem passos engraçados com capacetes. Luzes piscam, LED brilha intensamente. Ritmo aumenta e termina com todos juntos em pose final, ferramentas erguidas como instrumentos de orquestra.)

ZÉLIA: E se alguém disser que backstage não é espetáculo...

CARLOS: Mostramos que somos a alma invisível do teatro!

BIA: E com muito improviso e risadas!

LUCAS: Cada queda de cortina... cada som estranho... cada luz fora do lugar...

NELSON: Virou magia nos bastidores!

TODOS (em uníssono): Bravo!

(Estagiários se abraçam, todos respiram fundo, rindo e exaustos. Luzes diminuem lentamente, LED final brilha intensamente. Pequena pausa para efeito.)

VOZ EM OFF: Antes mesmo do público aplaudir, existe um espetáculo secreto... feito de suor, gambiarras e muita criatividade.

CENA 6 – O PALCO PRONTO (EXPANDIDA)

(O palco está completamente montado. Luz de serviço ligada, cenários posicionados, LED funcionando, linóleo esticado. Todos os técnicos olham o resultado final com satisfação, mas ainda atentos a pequenos detalhes.)

ANTÔNIO: Pronto. O palco respira.

RICARDO: Cada peça no lugar. Cada marcação respeitada.

ZÉLIA: Cada luz calibrada.

CARLOS: Cada som testado.

NELSON: Cada vinco do linóleo esticado.

LÉO: Cada pixel do LED funcionando.

BIA: Cada detalhe da produção resolvido.

RODOLFO: E cada estagiário sobrevivente!

(Todos riem. Estagiários trocam olhares orgulhosos, aliviados. Pequena pausa de contemplação do palco.)

ZÉLIA: Viu? Nada disso apareceria para o público... mas cada fio, cada luz e cada peça contam história.

CARLOS: História de risadas, de sustos, de improvisos... e de muito trabalho.

LUCAS: O palco não é só madeira e tecido. É memória. Cada montagem deixa um pouco da alma de quem trabalhou aqui.

NELSON: E dor nas costas, claro... não podemos esquecer.

RODOLFO: Eu nunca imaginei que cada detalhe tivesse tanta importância.

BIA: E é justamente isso que ninguém vê. O público acredita que tudo acontece sozinho... mas a gente sabe a verdade.

RICARDO: Cada marcação, cada luz, cada teste... é como coreografar invisível.

ZÉLIA: E quando algo dá errado, a gente improvisa. Transforma erro em espetáculo.

ANTÔNIO: Exatamente. O palco está pronto... mas a história que ele carrega é ainda mais importante.

CARLOS: E não importa o tamanho da peça ou a quantidade de espectadores... cada montagem é única.

LÉO: Até os pixels do LED têm personalidade. Cada efeito, cada cor... é uma assinatura nossa.

ESTAGIÁRIO 1: E nós? Estamos realmente preparados para fazer parte disso?

ZÉLIA: Sim, vocês já fazem parte. Cada tropeço, cada gafe, cada risada... tudo isso ensina e fortalece.

RODOLFO: Então, mesmo invisíveis, somos responsáveis pelo espetáculo inteiro?

BIA: Mais do que isso... somos guardiões da magia que acontece no palco.

LUCAS: Cada prática, cada ensaio, cada improviso... é como plantar uma semente que o público nem percebe, mas sente.

NELSON: E sobrevive com dor nas costas, mas com orgulho.

CARLOS: E com histórias para contar depois... que ninguém acredita até verem a peça pronta.

ZÉLIA: O backstage é invisível... mas essencial.

ANTÔNIO: Cada peça montada aqui é uma obra coletiva. O público vê o final... nós vivemos a jornada inteira.

VOZ EM OFF: E assim, antes mesmo do público aplaudir, existe um espetáculo secreto... feito de suor, risadas, improvisos e gambiarras geniais.

(Todos se reúnem no centro do palco, olham para a plateia imaginária, respiram fundo, sorrindo.)

TODOS (em uníssono, voltados à plateia): Obrigado!

(Luzes fecham lentamente. Pequena batida rítmica dos cases ainda ouve-se enquanto o palco escurece completamente. Todos saem, finalizando a cena com aplausos internos e sorrisos.)

CENA 7 – ENCERRAMENTO E REFLEXÃO FINAL (EXPANDIDA)

(O palco está pronto, luz de serviço acesa, LED piscando suavemente. Todos os técnicos e estagiários estão reunidos no centro, cansados, mas sorridentes. Alguns ainda seguram ferramentas ou cabos. Silêncio respeitoso antes do último ato.)

ZÉLIA: Olhem só para isso... cada luz no lugar, cada cenário firme, cada pixel brilhando.

CARLOS: Parece fácil, né? Mas só nós sabemos quantas histórias escondemos por trás dessa perfeição aparente.

BIA: Quantas vezes corremos atrás de uma falha de última hora, ou transformamos um erro em aplauso?

LUCAS: Cada peça montada aqui é uma aventura silenciosa... invisível para o público, mas sentida por quem trabalha.

RODOLFO: E os estagiários... nós realmente fazemos parte disso?

ZÉLIA: Claro! Cada tropeço de vocês, cada dúvida, cada riso... tudo isso se torna parte do espetáculo.

NELSON: E é exatamente isso que faz o backstage ser mágico: a mistura de suor, criatividade e paciência infinita.

LÉO: Até os LEDs têm histórias! Cada piscada, cada efeito... é como se o palco respirasse junto com a gente.

ANTÔNIO: É isso que nos torna indispensáveis. O público não vê, mas sente o cuidado, o improviso, a alma de quem monta o espetáculo.

CARLOS: E quantos “fantasmas técnicos” já apareceram para nos pregar peças? Cada um deles nos ensinou algo.

BIA: Ensinaram a rir dos erros e a improvisar sem medo.

ESTAGIÁRIO 1: Então... nosso trabalho é invisível, mas essencial?

ZÉLIA: Exatamente. Invisível, mas essencial. Somos os guardiões do que ninguém vê.

ESTAGIÁRIO 2: E a gambiarra? Ainda faz parte?

RODOLFO: Sem gambiarra, o teatro não seria teatro.

ZÉLIA: A gambiarra é poesia. Improviso é nossa arte.

LUCAS: Cada corda, cada cabo, cada luz fora do lugar... vira história.

NELSON: E história de quem trabalha duro, mas se diverte enquanto faz isso.

CARLOS: O backstage é nosso palco secreto. O público aplaude sem imaginar a dança de peças, fios e risadas que aconteceu antes.

VOZ EM OFF: Antes que as cortinas se levantem, existe um espetáculo paralelo... um show silencioso de dedicação, criatividade e camaradagem.

BIA: Hoje terminamos a montagem, mas o aprendizado continua. Cada peça é uma lição, cada erro é uma oportunidade, cada riso é vitória.

ZÉLIA: Cada luz acesa, cada cenário firme, cada cabo conectado... é uma assinatura invisível nossa.

CARLOS: E cada improviso? É a alma do palco que ninguém vê.

LÉO: Somos invisíveis... mas essenciais.

ANTÔNIO: E assim, a magia acontece. O palco respira, o público se emociona, e nós... nós sabemos o que realmente aconteceu por trás dos bastidores.

(Pequena pausa. Todos olham para a plateia imaginária. Sorrisos, respirações profundas, mãos unidas ou levantadas em gesto de triunfo.)

TODOS (em uníssono): Obrigado!

(Luzes se apagam lentamente, LED pisca uma última vez. Som suave de ferramentas sendo guardadas ao fundo. Estagiários, técnicos e Antônio saem do palco, com risadas e sorrisos. Silêncio final.)

VOZ EM OFF: E assim termina nosso espetáculo secreto... um tributo aos que trabalham onde ninguém vê, mas fazem tudo acontecer.

(Fim da peça.)